

CARTOGRAFIA DOS LUGARES DE MEMÓRIA: MAPEAMENTO DAS FOTOGRAFIAS ANTIGAS DO CENTRO DE CAMPINAS-SP

Rafaela de Oliveira Mine ¹

RESUMO

O lugar é o domínio do espaço onde se manifesta as relações subjetivas e afetivas de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos. Neste envolvimento do indivíduo com o lugar, as memórias, retratadas em fotografias, resgatam tempos e espaços passados e nesse contato de espaço-tempos antigos com espaço-tempos contemporâneos, as histórias de permanência e de mudança das formas visíveis do lugar são reveladas. A partir das perspectivas cartográficas da Cartografia Pós-representacional, que orientou o trabalho enquanto abordagem teórica-metodológica, e das tecnologias de mapeamento *Street View* e *Google My Maps*, que mediaram a sua produção, foi construído um mapeamento das fotografias antigas do centro de Campinas-SP. As fotografias foram coletadas na página do *Facebook* 'Campinas de Antigamente' e as memórias desses lugares, acionadas através das próprias fotografias e compartilhadas pelos seguidores da página, contribuíram para a localização das fotografias no mapa. Entende-se que o mapeamento produzido é uma possibilidade dentro da perspectiva de uma Cartografia Geográfica preocupada com a superação do afastamento cartesiano entre sujeito e lugar.

Palavras-chave: Lugar, Memória, Fotografias, Cartografia.

ABSTRACT

The place is the domain of space where an individual or a group of individuals' subjective and affective relationships manifest. In this engagement of the individual with the place, memories, depicted in photographs, retrieve times and spaces of the past, and in this contact between old space-times and contemporary space-times, the stories of the continuity and change of the visible forms of the place are revealed. Based on the cartographic perspectives of Post-representational Cartography, which guided the work as a theoretical-methodological approach, and the mapping technologies of *Street View* and *Google My Maps*, which mediated its production, a mapping of old photographs of downtown Campinas-SP was constructed. The photographs were collected from the 'Campinas de Antigamente' *Facebook* page, and the memories of these places, triggered through the photographs themselves and shared by the page's followers, contributed to the placement of the photographs on the map. It is understood that the mapping produced is a possibility within the perspective of a Geographic Cartography concerned with overcoming the Cartesian separation between subject and place.

Keywords: Place, Memory, Photographs, Cartography.

INTRODUÇÃO

¹ Pós-Graduanda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), mine.rafaela@gmail.com.

O lugar, como categoria de análise na ciência geográfica, se refere a uma mudança de escala para o ‘microcosmos’, em que prevalece a experiência direta ou íntima do indivíduo (TUAN, 2015). Não que seja atribuído uma escala hierárquica de categorias para a análise do espaço, mas é no lugar que se expressa a relação espacial do sujeito, seu corpo, suas experiências, suas ações e suas memórias, sejam elas individuais ou até mesmo compartilhadas.

Para Seeman (2003, p. 50), “o lugar se torna um referencial para a memória”, sendo a memória um processo cognitivo interno que conjuga tempo e espaço ao resgatar e conservar registros passados. As memórias, além de retomar tempos anteriores ao presente, não se projetam no vazio, elas necessitam de um espaço para serem ativadas e estimuladas, isto é, “lugares concretos, onde se realizam eventos, acontecimentos históricos ou práticas cotidianas, e representações visuais (mapas ou fotos) e não visuais (literatura, música) podem servir como possíveis referenciais espaciais para a memória” (SEEMAN, 2003, p. 44).

Pensar a memória do lugar é visitar a expressão simultânea de outros tempos e espaços através de vínculos afetivos e narrativas que são significativos para um sujeito ou uma comunidade. A memória da cidade, por exemplo, pode ser revelada em documentos históricos oficiais ou nas narrativas de vida de seus habitantes. Entretanto, tanto o registro textual de documentos históricos quanto a oralidade nas narrativas de vida dos indivíduos apresentam propriedades sequenciais e contínuas de expressão sobre o lugar e enfatizam seu caráter temporal, visto o encadeamento linear do texto e da fala. Assim, de que maneira é possível enfatizar o caráter espacial na expressão da memória de um lugar?

Imagens e fotografias evidenciam e se constituem de uma propriedade espacial devido a sua representação justaposta nas duas dimensões do plano. As imagens, tal como fotografias, mapas e os demais dispositivos visuais, representam o mundo através de propriedades bidimensional e espacial em que comunicam no mesmo instante as diversas relações entre os elementos nelas expostos. Em particular, as fotografias podem ser entendidas como imagens capturadas dos lugares, que convidam o seu observador a um diálogo com o ponto de vista do fotógrafo e a uma forma de olhar as paisagens e fenômenos, a partir da composição construída do conjunto de elementos enquadrados pela foto e da exposição que revela a visibilidade dadas a esses elementos (GOMES, 2013). As fotografias de memória do lugar nos remetem às fotografias antigas e históricas, e no intervalo entre o instante de sua captura até o momento contemporâneo, conservam uma longa história de mudanças ou permanências na paisagem do lugar.

A espacialização dessa memória do lugar no mapa estimula a representação de acontecimentos, vivências e formas do passado do lugar em que vive. Segundo Harley (1987), o mapa pode também ser entendido como um livro conhecido ou um álbum de família, porque traz ao olho da mente paisagens, eventos e pessoas do passado envolvendo a própria identidade na representação.

Contudo, o mapa, cada vez mais, foi se afastando de uma representação dos lugares com base na narrativa dos itinerários percorridos para um discurso científico moderno alicerçado em uma geometria euclidiana do espaço (CERTEAU, 1998). Na ciência cartográfica essa diferenciação é fundamental ao se apontar o imperativo cartográfico do espaço absoluto. E, em contrapartida a esse paradigma sobre o espaço, tal como uma entidade absoluta, o espaço relacional é definido nas relações entre os objetos, sujeitos e ações que o compõem. Nesse sentido, como retomar mapeamentos que viabilizem a cartografia dos lugares? Como relatos e fotografias dos sujeitos que vivem o lugar constroem um mapa sobre a memória deste espaço? De que forma a Cartografia Geográfica possibilita a construção de novos mapas que mobilizem práticas espaciais relacionais?

Consideramos que a perspectiva teórica da Cartografia Pós-representacional, em conjunto com as tecnologias de mapeamento digital, viabiliza a construção de práticas que impulsionam caminhos possíveis para esses questionamentos. E como um exercício para essas questões, será compartilhado uma prática de mapeamento das fotografias antigas do centro de Campinas que resgatem algumas memórias deste lugar.

Sendo assim, as fotografias antigas utilizadas são do acervo da página de Facebook ‘Campinas de Antigamente’, criada em 2012 pela Renata Bianca, membra do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas, que conta com mais de quatro mil fotografias e é alimentada por diversos moradores de Campinas com suas histórias e comentários compartilhados na página. O exercício de mapeamento foi mediado pelas tecnologias do *Street View*, para simular o deslocamento à procura das localizações das fotografias no espaço contemporâneo do centro de Campinas, e do *Google My Maps*, para armazenar e compartilhar as localizações delas no mapa.

PERSPECTIVAS CARTOGRÁFICAS

Todo mapa traduz um pensamento geográfico que o precede assumindo uma compreensão do mundo a ser representado, e nessa simbiose carto-geográfica as representações são elementos estruturais da própria produção desse espaço (FONSECA, 2020). Na ciência cartográfica, a perspectiva da Cartografia Pós-representacional entende que os mapas são práticas processuais contextuais e contingentes que emergem no agenciamento do indivíduo com o espaço e sua representação. Cosgrove (1999, p. 2-3) ressalta que o ato de mapear é uma tentativa de medir o mundo, não necessariamente em termos matemáticos, mas também nos seus sentidos figurativos, imaginados ou desejados.

Através de contribuições de Pickles (2004), Wood e Fels (2008) e Kitchin e Dodge (2007) transcorre a crise da representação na cartografia e a consequente ruptura com o paradigma representacional nos mapas. Tal ruptura se manifesta no entendimento de que os mapas não apenas representam a realidade rearranjada em um plano bidimensional, mas que, por meio de práticas espaciais relacionais, são constitutivos de uma realidade. A emergência dessa nova perspectiva proporcionou a abertura de novas questões na cartografia assentadas na relatividade e na contingência de espaços no mapeamento e, a partir da proposta dos mapas como inscrições ou como um sistema de proposições, analisa o mapa em si mesmo e como este se compõe em sua multiplicidade (KITCHIN; PERKINS; DODGE, 2011).

na cartografia pós-representacional, os mapas não são representações, mas inscrições (PICKLES, 2004) ou um sistema de proposições (WOOD; FELLS, 2008) – capturam algo do mundo enquanto agem simultaneamente no mundo; eles precedem e produzem o território que supostamente representam (KITCHIN; GLEESON; DODGE, 2013, p. 481).

Para Pickles (2004) os mapas são inscrições que atuam para moldar e codificar nossa compreensão do mundo. O mundo é inscrito no mapa através da sua interação com os sujeitos que o codificam e o recodificam produzindo múltiplas identidades de outros sujeitos e do mundo. Os mapas como inscrições apresentam autonomia própria em que não há um núcleo essencial de significado ou intenção no mapa a ser descoberto; nem o conteúdo do mapa nem a intenção do autor são totalmente determinantes do significado do mapa. Em vez disso, “interpretações ressitua o mapa e o rearticulam em diferentes contextos” (PICKLES, 2004, p. 55).

Nesse mesmo sentido, Wood e Fels (2008) entendem o mapa como um sistema de proposições, isto é, os mapas produzem o mundo por meio de proposições espaciais que são colocadas no mapa para conectar coisas em lugares dentro de uma estrutura relacional. As proposições espaciais determinam a existência de algo no mapa que, na contiguidade dessas

proposições, invoca um território. A relação entre as proposições, o território invocado e, conseqüentemente, os significados construídos são denominados pelos autores de postagem. A postagem relaciona-se com as formas de localização relacional: ‘isso está lá’, ‘está em’, ‘está contido em’, ‘contém’ e ‘é’. Segundo Wood e Fels (2008, p. 191, grifo dos autores), “é através da afirmação simultânea dessas proposições que o território **como tal** é trazido à tona”.

Alinhada a essas novas perspectivas sobre o mapa, Kitchin e Dodge (2007) apontam uma mudança na cartografia do campo ontológico (como os mapas são) para o campo da ontogênese (como os mapas se tornam); da representação (segura e ontológica) para a prática (desdobramento). Em contrapartida ao campo ontológico da cartografia que entende a natureza do mapa enquanto uma representação estável, o campo da ontogênese aborda a natureza prática e concreta do mapa e questiona a segurança, e como segurança entende-se por estabilidade, da representação.

o mapa não rerepresenta o mundo ou faz o mundo (moldando como pensamos sobre o mundo); trata-se de uma produção co-constitutiva entre inscrição, individual e mundial; uma produção que está constantemente em movimento, sempre buscando parecer ontologicamente segura (KITCHIN; DODGE, 2007, p. 335).

A ontogenética busca, dessa maneira, explorar como os mapas são conceitualmente concebidos a fim de fazer sentido no mundo através de práticas baseadas nos conceitos de transdução e tecnicidade. A transdução opera no domínio do relacional em que o mapa ganha forma por meio de práticas espaciais discursivas, corporais e técnicas e a tecnicidade relaciona-se na medida em que as tecnologias mediam essas práticas espaciais relacionais. Nessa perspectiva, a transdução e a tecnicidade demonstram como os mapas ‘tornam-se’ em conjunto de práticas espaciais processuais e múltiplas construídas na interação entre o espaço, o indivíduo e o mapa.

Transdução e tecnicidade

O agenciamento de diversos atores, objetos e ações nas temporalidades e espacialidades envolvidas dentro de uma realidade faz as coisas funcionarem de uma certa maneira onde os domínios discursivos, corporais e técnicos são conduzidos de forma singular. Para mapear o mundo neste domínio relacional, a transdução auxilia no rastreamento de processos e práticas de entrelaçamento de signos, histórias, práticas, conceitos, sujeitos, objetos, imagens e lugares que se localizam na intersecção de diversos modos de existência

(MACKENZIE, 2002). Já a tecnicidade refere-se à medida em que as tecnologias mediam e complementam as ações entre atores e objetos. Nesse sentido, a tecnicidade não é um instrumento intermediário entre atores e objetos, mas desdobra-se em outras práticas para ‘tornar-se’ em conjunto com os sujeitos (MACKENZIE, 2002).

Para Dodge e Kitchin (2005), os conceitos de transdução, isto é, a constante renovação de práticas múltiplas e contingentes em um domínio relacional; e de tecnicidade, o poder da tecnologia para fazer as coisas acontecerem, partem de uma compreensão ontogenética do espaço, este sendo continuamente trazido à existência por intermédio de práticas cotidianas. São também conceitos imbricados, pois as tecnologias associadas às complexidades dos outros agentes do espaço conseguem criar formações espaciais singulares e híbridas de espaços codificados.

Nessa perspectiva ontogenética, o espaço torna-se um coletivo, uma série heterogênea de transduções sendo continuamente trazido à existência por meio da combinação de sujeitos e tecnologias ocupando ou interagindo no mesmo lugar. As tecnologias, especialmente as de mapeamento digital, colaboram na construção de práticas espaciais e modulam alternativamente o espaço. Entende-se que as tecnologias de mapeamento, ou as chamadas mídias locativas, são um conjunto de dispositivos e tecnologias que dispõem de um número infinito de informações vinculadas a um lugar específico, ou seja, geolocalizadas; e que são coletadas e alimentadas pelos próprios indivíduos que fazem o uso desses dispositivos (LEMOS, 2008). Essas tecnologias, de modo geral, desempenham função de monitoramento, vigilância, geoprocessamento (SIG), localização personificada de serviços e comércios, criação de jogos, entre outros.

Ainda que nesses dispositivos e tecnologias de mapeamento a representação do espaço utilize a forma de tradição euclidiana no mapa, e que cada vez mais são travadas disputas em torno da apropriação dos dados geolocalizados pelas grandes empresas e corporações, é em sua tecnicidade que também encontramos o atravessamento de práticas espaciais relacionais e de novas formas de se explorar as informações compartilhadas entre os sujeitos e o mapa (FRANCO, 2019). As fronteiras entre sujeitos e mapeamento, representação e prática, produção e leitura de mapas são desestabilizadas, visto que o próprio sujeito que utiliza as informações compartilhadas para se localizar também produz novos mapeamentos e novas práticas espaciais (CANTO, 2017).

Portanto, quais relações cartográficas estão envolvidas no processo de mapeamento do espaço que mobilize os conceitos de transdução e tecnicidade? Quais conhecimentos e pensa-

mentos sobre o lugar podem ser mediados a partir do uso das tecnologias de mapeamento digital? E como os mapas se tornam mapas (CANTO, 2017) por meio de memórias e fotografias do lugar em que se vive? O exercício de mapeamento das fotografias antigas do centro de Campinas sugere algumas alternativas para se refletir sobre essas questões.

O MAPEAMENTO DAS FOTOGRAFIAS ANTIGAS DO CENTRO DE CAMPINAS-SP

O espaço do centro de Campinas se constitui de múltiplas histórias e memórias documentadas em livros, pesquisas, mapas e acervos fotográficos. A paisagem e as formas desse lugar se transformam acompanhando o intenso fluxo das ações dos sujeitos e objetos que atravessam o tempo e este espaço. É na multiplicação desse movimento que, no breve instante do presente, traz o sentido da cidade cuja paisagem compõe-se de instalações muito antigas que perduram mesmo com a passagem do tempo, a novos empreendimentos imobiliários que metamorfoseiam o antigo em novo; que é tão movimentada e, ao mesmo tempo, lugar de passagem e lugar de morada. Quais memórias estão por trás disso?



A página na rede social *Facebook* ‘Campinas de Antigamente’, desenvolvida pela membra do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas Renata Bianca, promove o compartilhamento de um acervo de fotografias antigas de Campinas que resgatam as histórias e as memórias de Campinas e de seus habitantes. São cerca de quatro mil fotografias divididas cronologicamente em álbuns da década de 20 até os anos 90 e os seguidores da página, cerca de 46 mil pessoas, que moram ou moraram em Campinas, contribuem no resgate dessa memória através de suas lembranças e experiências com os lugares exibidos nas fotografias (Figura 1).



Figura 1. Página ‘Campinas de Antigamente’

copyright © 2012 - 2016 Campinas de Antigamente

Campinas de Antigamente



Campinas de Antigamente
@campinasdeantigamente · Comunidade

Enviar email

Página inicial Sobre Fotos Vídeos Mais ▾

Curtiu Mensagem 🔍

Sobre


Ver tudo

- “Um povo só preserva aquilo que ama!
Um povo só ama aquilo que conhece!”
- Envie sua foto, para ser postada na página com os créditos, data e um breve relato. contato@campinasdeantigamente.com.br
- 46.213 pessoas curtiram isso, incluindo 25 dos seus amigos
- 46.305 pessoas estão seguindo isso
- Enviar mensagem
- Comunidade
- Em 2012 foi criada a Primeira Fan-page do facebook destinada a todos os amantes de Campinas, nascidos aqui ou não, assim como eu, meu nome é Renata Bianca, Membro do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Campinas, sou pesquisadora da história, origem e tudo que envolva Campinas e os seus habitantes. Ver menos

PUBLICAÇÕES

Campinas de Antigamente
28 de junho de 2013 · 🌐

Propaganda de venda de lotes na Vila Itapura em 1925,
— em Campinas.



www.facebook.com/campinasdeantigamente

190 10 comentários 69 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Usuário_1
Acredito ser rua General Osório.
Curtir · 8 a

Usuário_2
Rua Conceição, com a Catedral ao fundo.
Curtir · 8 a

Usuário_3
... Rua Barão de Jaguara, na esquina da Rua Conceição a Casa Americana, especializada no comércio de roupas, ainda com a quina na lateral. Na década de 1930, foi chanfrada para melhor circulação de pedestres na calçada !!!
A imagem postada por Jane Dur...
Ver mais
Curtir · 1 a

Fonte: <https://www.facebook.com/campinasdeantigamente>, adaptado pela autora (2023).

Os lugares concretos acionam as lembranças e as memórias (SEEMAN, 2003), e a localização dessas formas materiais presentes nas fotografias mobilizam as histórias compartilhadas pelos seguidores da página sobre este espaço. A localização das fotografias está, frequentemente, presente na legenda da foto, mas por vezes a localização indicada não é precisa e apenas indica uma localização aproximada em que a fotografia foi feita. Assim, os comentários feitos pelos seguidores ora compartilham suas histórias, ora auxiliam na identificação do lugar.

A legenda e os comentários sugerem o nome das ruas em que as fotos foram capturadas e revelam registros de memória sobre algum comércio ou serviço que se realizava naquele lugar; há comentários de admiração pela paisagem antiga, de memórias que foram vividas pelos habitantes naquele espaço ou histórias sobre as instalações fotografadas. Os seguidores também indicam quando houve preservação ou o descaso do abandono dessas construções (Figura 2).

Figura 2. Diversos comentários dos seguidores da página que resgatam a memória das fotografias



Fonte: <https://www.facebook.com/campinasdeantigamente>; adaptado pela autora (2023).

Para a proposta de mapeamento foi utilizado o álbum de fotografias da década de 20 e, especificamente, as fotos das ruas e instalações do centro de Campinas, com o intuito de localizar as formas que permaneceram no tempo, nesse espaço e na memória de seus habitantes. Essas formas foram, por meio da legenda e dos comentários dos seguidores da página, localizadas utilizando o aplicativo do *Street View* do *Google Maps*. O *Street View* oferece a localização, a orientação, as direções e as informações sobre os lugares a partir da composição de milhões de imagens panorâmicas que constroem uma representação virtual do ambiente². Nesta representação virtual, o avatar pode ser lançado em qualquer lugar do mundo mapeado e explorar ruas, lugares, bairros, cidades etc., visualizar esses espaços em várias direções, bem como ajustar a visada verticalmente e ampliar e reduzir a distância focal da imagem.

Se o *Street View* for entendido como um tipo de mapeamento, sua característica principal é o de representação a nível do chão. Diferentemente dos habituais mapas que estabelecem um aplainamento dos lugares devido ao sistema de coordenadas visto do alto, o aplicativo do *Street View* oferece uma perspectiva que nos aproxima ao chão do lugar, sendo uma extensão territorial que é mais próxima à existência das pessoas nestes lugares mapeados. Mas também há limitações, o espaço que é possível acessar no aplicativo é restrito ao espaço das ruas que o mapeamento da plataforma *Google Maps* percorreu, isto é, como em uma linha de trem só é possível transitar em uma ‘malha’ permitida; dessa forma, o acesso a algumas ruas é restrito, as imagens são apenas do ponto de vista da rua e não se obtém imagens de outros pontos de vista, como de uma calçada ou de uma praça, por exemplo.

Ao explorar as ruas e esquinas do centro de Campinas em busca da localização das instalações apresentadas nas fotografias no *Street View*, novas questões foram surgindo: qual a visada? Qual era a distância do fotógrafo em relação ao lugar fotografado? Qual era o seu ângulo? Para respondê-las foi preciso analisar minuciosamente a posição dos elementos na composição da fotografia e suas proposições espaciais. Ao identificar as relações topológicas e relacionais entre as proposições espaciais, isto é, identificar se ‘isso está perto/distante daquilo’ ou ‘isso está à frente/atrás disso’, foi possível rotacionar a orientação do avatar no aplicativo e ajustá-lo na localização quase-precisa³ de onde o fotógrafo capturou a foto.

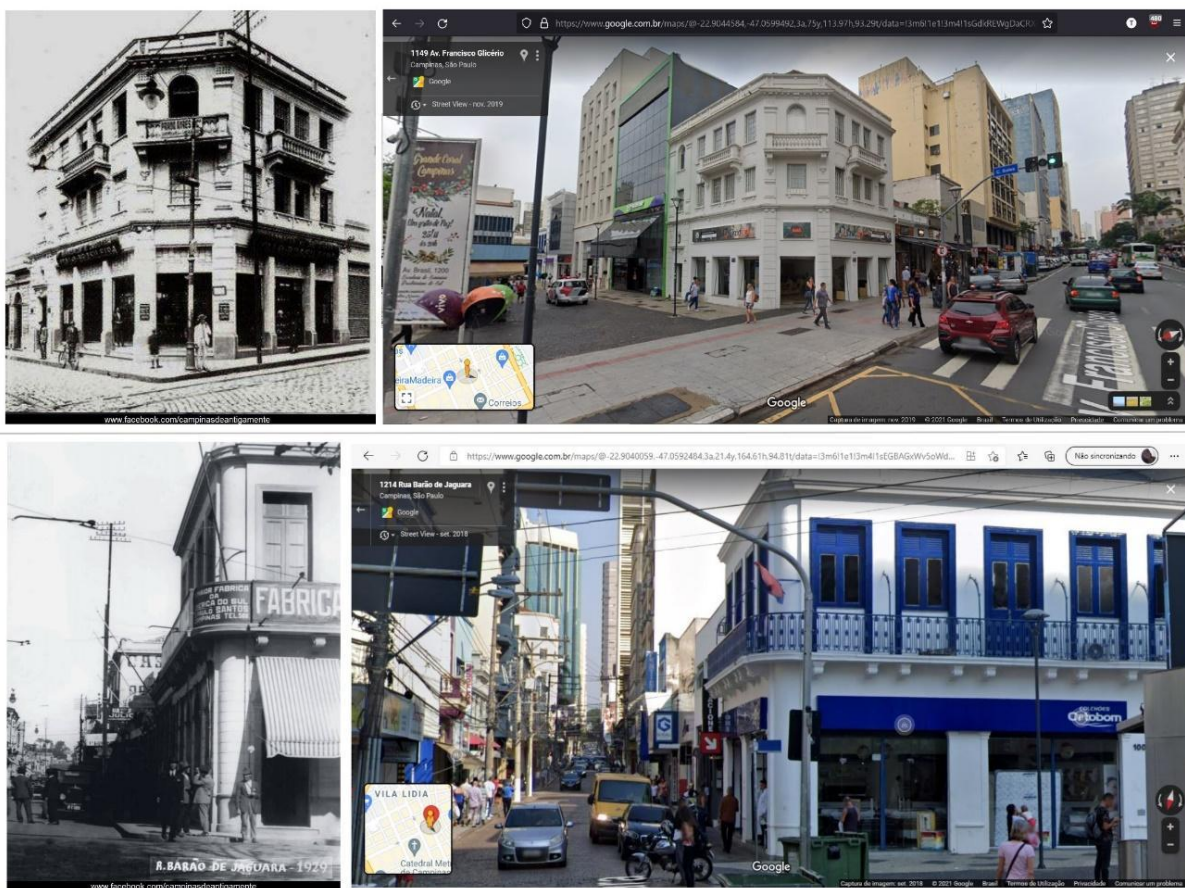
² <https://www.google.com/intl/pt-BR/streetview/>.

³ Algumas propriedades da imagem da fotografia diferem da imagem do *Street View*. Essas diferenças podem influenciar na dimensão dos objetos e na relação espacial e, conseqüentemente, em uma percepção aproximada da localização da fotografia.



Como exemplo, na Figura 3, a primeira fotografia foi localizada a partir da legenda ‘Av. Francisco Glicério, esquina com Campos Sales, em 1925’, dos detalhes da fachada do prédio e de sua posição na esquina entre duas ruas. Da mesma forma, na segunda fotografia, ‘Barão de Jaguará, esquina com Campos Sales em 1929’, os detalhes da fachada e sua posição indicaram a localização no *Street View*. Os comentários dos seguidores da página ainda apontaram que o prédio já foi uma loja de camisaria e uma casa de câmbio. Nas demais fotografias, elementos como a inclinação da rua, o número de portas, janelas e andares das instalações e suas posições na composição da foto também auxiliaram na localização. Nesse exercício de comparação entre espaços-tempos diferentes e entre propriedades visuais de imagem diferentes, os recursos mobilizados para encontrar a localização das fotografias, além da memória compartilhada pelos moradores, foram essencialmente noções cartográficas topológicas e projetivas.

Figura 3. Fotografias e sua localização no *Street View*

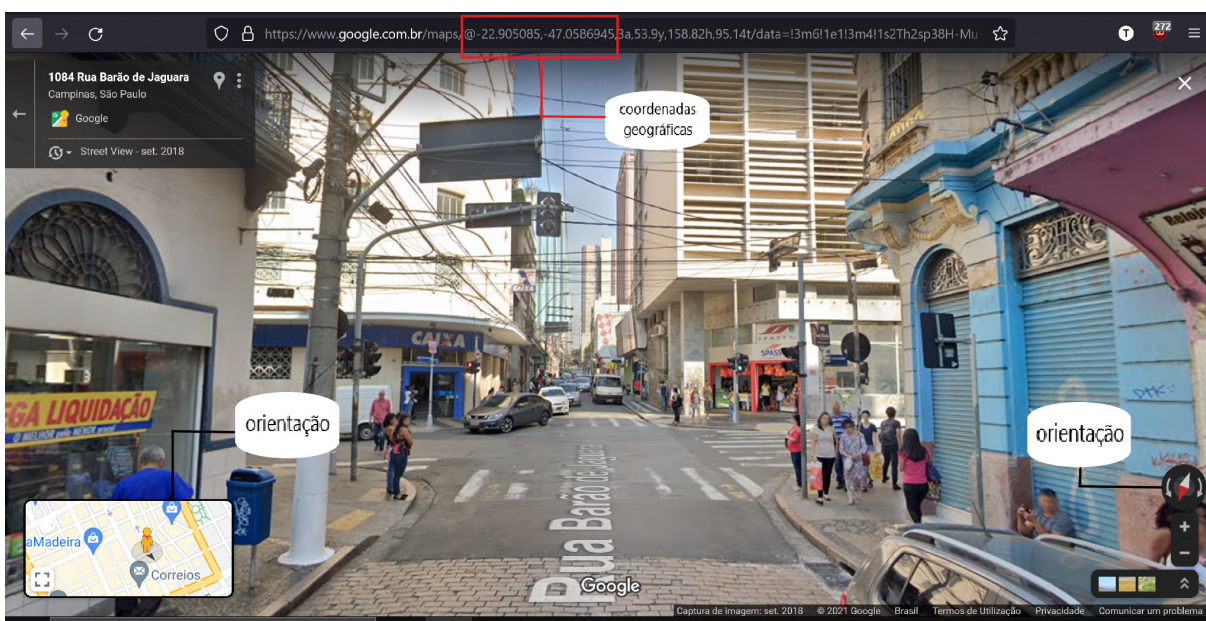


Fonte: Página ‘Campinas de Antigamente’ e aplicativo do *Street View*, adaptado pela autora (2023).



A localização de cada fotografia, ao final, resulta em uma coordenada geográfica, dentro de uma malha cartográfica do mapa virtual (Figura 4). Dentro dessa malha cartográfica, o ponto mais ao norte das fotografias que foram localizadas é S 22° 53' 43" e o ponto mais ao sul é S 22° 54' 32"; o ponto mais a leste é O 47° 3' 31" e o ponto mais a oeste é O 47° 4' 22". As coordenadas geográficas da localização das fotos nesse intervalo espacial foram marcadas no *Google My Maps*, que permite criar mapas personalizados e colaborativos. O *Google My Maps* opera com o mapa de vista de cima e, em razão das coordenadas geográficas de sistema euclidiano, viabiliza criar pontos específicos no mapa para cada fotografia e, em cada ponto, relacionar com materiais complementares como as fotografias, as imagens retiradas do *Street View* e uma descrição, inserindo modalidades de outras representações, tanto visuais quanto textuais, sobre o mesmo mapa (Figura 5).

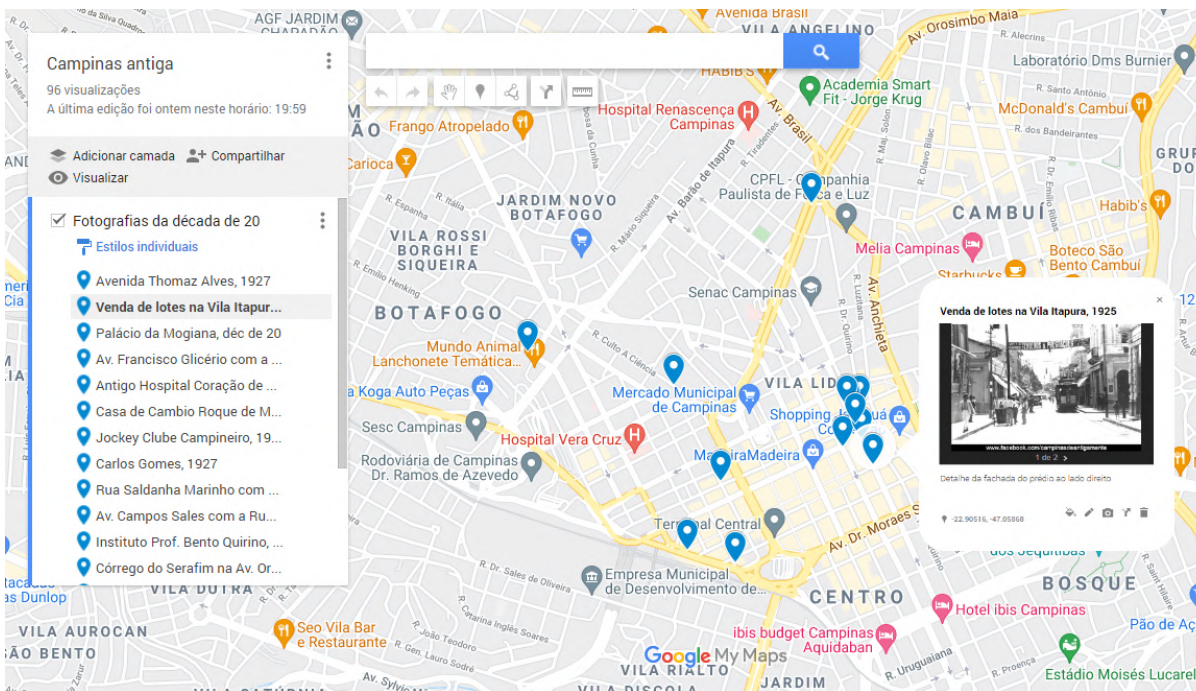
Figura 4. Informações cartográficas da localização da fotografia no *Street View*



Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-22.905085,-47.0586945,3a,53.9y,158.82h,95.14t/data=!3m6!1e1!3m4!1s2Th2sp38H-Mu-g36Mw7zvA!2e0!7i16384!8i8192>.



Figura 5. Mapa construído no *Google My Maps* com as fotografias



Fonte: <https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1MxnGLe0HM7jcmuP0rOVfR7R6lqp29Gfq&usp=sharing>.

Mas alguns questionamentos podem ainda ser feitos como: o que se resgata sobre as memórias espacializadas deste lugar? Quais formas visíveis foram transformadas? O que deixou de existir e o que ainda persiste na paisagem? Algumas respostas foram encontradas na análise e comparação das fotografias antigas com as visadas do *Street View*, e que não serão descritas aqui para que a atenção não seja direcionada ao relato textual - escrito em uma sequência linear cujo significado é construído pela cadência das palavras -, mas sim ao mapeamento produzido - construído a partir de propriedades gráfico-visual e espacial - que pode ser visualizado e explorado por outras pessoas⁴. Outras leituras desse mapa e das fotografias são possíveis visto que as formas de olhar essas imagens também variam conforme o leitor e seu diálogo com o mapa e com as fotografias, possibilitando, assim, a manifestação de outras interpretações, memórias e outros tipos de mapeamento sobre este lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁴ Acesso para visualização do mapa:

<<https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1MxnGLe0HM7jcmuP0rOVfR7R6lqp29Gfq&hl=pt-BR&usp=sharing>>.

Acesso para edição do mapa:

<<https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1MxnGLe0HM7jcmuP0rOVfR7R6lqp29Gfq&usp=sharing>>.

Acesso para a página do *Facebook* 'Campinas de Antigamente':

<<https://www.facebook.com/campinasdeantigamente>>.

O mapeamento produzido por meio do compartilhamento das memórias dos sujeitos que moram ou moraram nesse lugar e da espacialização das fotografias antigas proporcionou centralizar, e ao mesmo tempo desfocar, pois não há apreciação que consiga tomar toda a realidade, algumas histórias que são singulares e próprias do centro de Campinas. No exercício do mapeamento foi destacado a permanência de formas materiais antigas no espaço contemporâneo do centro de Campinas nas quais, no intervalo entre o antigo e o contemporâneo, residiam as memórias desses lugares e cujo contato dos sujeitos com as fotografias produziram representações e discursos sobre o lugar e que partem do próprio domínio de lugar. As tecnologias digitais de mapeamento, por sua vez, viabilizaram a utilização de múltiplas camadas de representação, como as fotografias, as imagens do *Street View* e as passagens históricas no mesmo mapa.

Ao realizar o mapeamento, a noção cartográfica euclidiana, dentro de um sistema de posição absoluto, e as noções projetivas e topológicas, em um sistema de posição relacional, foram mobilizadas. A noção topológica foi mobilizada através da proximidade, separação, ordem ou sucessão espacial, inclusão ou envolvimento e continuidade dos elementos (OLIVEIRA, 1978) no espaço da fotografia; a noção projetiva através de estruturas e de formas aparentes relacionadas a um determinado ponto de vista, seja em relação aos próprios objetos exibidos nas fotografias, seja em relação à posição do fotógrafo no momento da captura, ou até mesmo em relação ao avatar posicionado no mapa do *Street View*; e a noção euclidiana na própria localização dessas fotografias utilizando-se do sistema de coordenadas geográficas e da orientação do mapa no *Google My Maps*. Deve nesta altura dizer-se que este exercício envolveu essas operações cartográficas cognitivas no mapeamento e, principalmente, foi capaz de lidar com as subjetividades e memória dos sujeitos, “de modo que as práticas espaciais de cada um possam ser inseridas e entendidas nas suas relações com as demais práticas e com as materialidades físicas e culturais existentes” (OLIVEIRA JR, s. d., p. 2).

Como desdobramentos desse exercício, outras fotografias e outras formas materiais antigas que permaneceram no centro de Campinas podem ser descobertas e mapeadas, e novas memórias sobre este lugar podem surgir. Por fim, o lugar que anteriormente existia de tal forma já não é mais o mesmo, posto que o olhar se contamina com essa outra (e renovada) transdução deste espaço, e sempre será contaminado devido às novas memórias, novas mobilizações de pensamento, novas experiências e conhecimentos sobre este lugar. Assim, parafraseando Pickles (2004, p. 18), os lugares estão sempre sendo, e podem ser novamente,

reconfigurados por novas geografias e novas cartografias, novas representações, novas linhas de inscrição e novas proposições espaciais. Reconhecer a natureza socialmente constituída das reivindicações de identidade sobre o lugar é um primeiro passo para a retomada de outros mundos, espaços e mapeamentos possíveis.

REFERÊNCIAS

CANTO, Tania Seneme do. Sobre como mapas se tornam mapas e a educação cartográfica na contemporaneidade. São Paulo: **Terra Livre**, ano 30, vol. 02, n. 45, 2017, p. 13-30.

CERTEAU, Michel de. Relatos de espaço. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, p. 199-215.

COSGROVE, Denis. Introduction: Mapping meaning. In: COSGROVE, Denis (org.). **Mappings**. London: Reaktion Books, 1999, p. 1-23.

DODGE, Martin; KITCHIN, Rob. Code and the transduction of space. **Annals of the Association of American Geographers**, n. 95, 2005, p. 162–180.

FACEBOOK. **Campinas de antigamente**. 2022. Disponível em: <<https://www.facebook.com/campinasdeantigamente>>. Acesso em: 12 mar. 2023.

FONSECA, Fernanda Padovesi. Uma avaliação da cartografia geográfica brasileira: a ausência de reflexão teórica. In: NETO, Manoel Fernandes de Sousa; LIRA, Larissa Alves de; DUARTE, Rildo Borges. **Geografias das ciências, dos saberes e da história da geografia**. 1ª ed. São Paulo: Alameda, 2020, p. 69-96.

FRANCO, Juliana Rocha. **Cartografias Criativas: da razão cartográfica às mídias**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2019. 221 p.

GOOGLE MY MAPS. **Campinas antiga**, viewer. 2023. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1MxnGLE0HM7jcmuP0rOVfR7R6lqp29Gfq&hl=pt-BR&usp=sharing>>. Acesso em: 13 de abr. 2023.

GOOGLE MY MAPS. **Campinas antiga**, edit. 2023. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1MxnGLE0HM7jcmuP0rOVfR7R6lqp29Gfq&usp=sharing>>. Acesso em: 13 de abr. 2023.

GOOGLE STREET VIEW. 2023. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-22.902574,-47.0680352,15z>>. Acesso em: 13 de abr. 2023.

HARLEY, John Brian. The Map as Biography: Thoughts on Ordnance Survey Map, Six-Inch Sheet Devonshire CIX, SE, Newton Abbot. **The Map Collector**, vol. 41, 1987, p. 18–20.

KITCHIN, Rob; DODGE, Martin. Rethinking Maps. **Progress in Human Geography**, n. 31, v. 3, 2007, pp. 331–344.



KITCHIN, Rob; PERKINS, Chris; DODGE, Martin. Thinking about maps. In: DODGE, Martin; KITCHIN, Rob; PERKINS, Chris. **Rethinking Maps: New Frontiers in Cartography Theory**. Routledge: Taylor and Francis Group, 2011, p. 01-25.

KITCHIN, Rob; GLEESON, Justin; DODGE, Martin. Unfolding mapping practices: a new epistemology for cartography. **Transactions of The Institute of British Geographers**, v. 38, n. 3, p. 480–496, 2013.

LEMONS, André. Mídias locativas e territórios informacionais. In: SANTAELLA, Lucia; ARANTES, Priscila (orgs.) **Estéticas tecnológicas: novos modos de sentir**. São Paulo: EDUC, 2008, p. 207-230.

MACKENZIE, Adrian. Introduction. In: MACKENZIE, Adrian. **Transductions: Bodies and machines at speed**. London: Continuum Press, 2002.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. **Fotografias e conhecimentos do lugar onde se vive: notas sobre linguagem fotográfica e atlas municipais escolares**. [s.n.t]. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/24300221/Fotografias-e-Conhecimentos-Do-Lugar-Onde-Se-Vive>> Acesso em: 03 dez. 2021.

OLIVEIRA, Livia de. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa**. Tese de livre docência. Universidade de São Paulo, Instituto de Geografia. São Paulo, 1978.

PICKLES, John. **A History of Spaces: cartographic reason, mapping and the geocoded world**. Londres: Routledge, 2004.

RIBEIRO, Daniel Melo. Deep mapping: uma introdução ao mapeamento profundo. In: **TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 19, jan./jun. 2019, p. 30-51.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2015.

WOOD, Denis; FELS, John. The Natures of Maps: Cartographic Constructions of the Natural World. **Cartographica**, vol. 43, n. 3, 2008, p. 189–202.